

A ‘geração roubada’ de Timor-Leste no seu primeiro romance em tétum: Uma leitura de *Ha’u Maka Lucas*.

Isabel Moutinho¹

Ha’u Maka Lucas (2009), de Teodósio Batista Ximenes, é o romance curto ou novela que ganhou a primeira edição do concurso ‘Istoria Timor’, instituído pelo economista australiano John Holdaway para incentivar os jovens timorenses a escreverem ficção na língua tétum.² Não seria possível exagerar o papel fundamental que este concurso literário tem desempenhado no fomento da utilização da língua co-oficial e nacional de Timor-Leste na escrita literária. Se, por um lado, já existia um considerável acervo de poesia e alguns contos (quase todos ainda inéditos) escritos em tétum, por outro, a língua não tinha ainda sido utilizada como veículo de expressão para trabalhos mais longos de prosa literária. Desde a sua criação em 2009, o concurso já deu origem a seis narrativas literárias em tétum. A *Ha’u Maka Lucas* [Eu sou o Lucas], de Teodósio Batista Ximenes, o título vencedor do prémio inaugural, seguiu-se *Iha Nafatin Dalan Atu Fila* [Ainda há um caminho para voltar], escrito por Maximus Tahu e publicado em 2011. Na nova categoria de ‘melhor conto escrito por uma escritora’, criada nessa mesma edição do concurso (2010), a vencedora foi Cidália da Cruz, com *Mesak Katak Nonook* [Solidão significa silêncio] (Istoria Timor 2010). Tendo passado a ser organizado pela Timor Aid, com o apoio da Fundação Alola para o prémio feminino, o concurso continua a decorrer anualmente (Amaral s.d.) e levou já ao lançamento em Dezembro de 2012 de três novos títulos em tétum: *Istoria Kona-ba Nia*, de Judit de Sousa, *Diáriu Husi Lao Rai Ida*, outra vez de Maximus Tahu, e *Inan Ne’ébé Iha Bosok Ualu*, de Ariel Mota Alves (Timor Aid, 2012).

Atendendo apenas à sua dimensão, *Ha’u Maka Lucas* parece uma novela de pouco mais de oitenta páginas. Mas, considerando o carácter compacto da língua tétum e o facto de o romance não fazer parte da tradição cultural do país, não é impossível considerá-lo um romance curto, com os seus treze capítulos, todos com título próprio. Falta, além disso, sublinhar sobretudo a ‘seriedade do propósito’ (Werlock 2010, 488) que nele encontramos. Muitas vezes se atribui à novela um estatuto imerecido de literatura menor. É devido às conotações depreciativas do termo novela, e também para evitar o critério precário da extensão do texto num país ainda sem tradição romanesca nas suas línguas nacionais, que prefiro considerar o livro de Ximenes como romance.

De acordo com critérios europeus, poder-se-ia acusar *Ha’u Maka Lucas* de vários defeitos, mas a gravidade do seu tema é inegável e permite-nos inserir o livro no campo crescente das narrativas de trauma, que se desenvolveu principalmente nas décadas de 1980 e 1990 (Vickroy 2002, 2). Os temas que este pequeno volume traz à luz são essenciais para entender toda uma geração timorense. Trata-se do impacto dos acontecimentos de 1974-1980 no povo de Timor-Leste e da campanha por parte do exército indonésio para impedir as crianças timorenses de continuarem a luta política dos pais, ‘transferindo-as’ (Van Klinken 2012, xxii-xxiv) para a Indonésia.

Inimigu sira uza estratéjia ida-ne’e atu halakon hotu Timór nia jersaun foun sira [...] atu labarik-oan inosente sira ne’e aban bainrua labele kontinua tan sira-nia inan aman sira-nia hakarak (Ximenes 2009, 34).

[Os inimigos utilizam esta estratégia para se desfazerem da geração jovem de Timor [...] para que, no futuro, as crianças inocentes não possam continuar a vontade (a luta) dos pais.]

¹ School of Languages, Histories and Cultures, La Trobe University, Melbourne.

² John Holdaway, o criador deste projeto, prestou também assistência a Ximenes para que publicasse o livro em edição do autor e, posteriormente, conseguiu financiamento e recursos de gestão para assegurar a continuidade do concurso.

Ben Kiernan (2002, 165) recorda-nos que ‘a transferência forçada de crianças de um grupo [nacional, étnico, racial ou religioso] para outro grupo’ é um dos cinco atos classificados como genocídio pelo Artigo II da Convenção de 1948 das Nações Unidas sobre a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio. Um depoimento da Cruz Vermelha Internacional recolhido pela Comissão de Acolhimento da Verdade e Reconciliação (CAVR 2006: 7.8.4.1, N° 353, 77) indica que houve mais de 4000 desaparecidos entre finais dos anos 60 e princípios dos 80, ao passo que, segundo um ‘oficial aposentado’, os militares indonésios levaram ‘milhares de crianças’ para a Indonésia (N° 354, 77). Por seu lado, Helene Van Klinken salienta a coincidência desses números apresentados à CAVR com os que ela própria pôde reunir, revelando a ‘enormidade do cataclismo’ (2012, xxvi) no caso de Timor-Leste:

This estimate, based on cases reported to the UNCHR and the International Committee of the Red Cross (ICRC) throughout the occupation, matches closely my own estimates – about 2,000 children taken away by the soldiers in the late 1970s and early 1980s; about 1,000 transferred by religious institutions; and about 1,000 intentionally separated immediately before and after the referendum in 1999 (Van Klinken 2012, xxviii).

O período de fins da década de 70 e princípio dos anos 80, durante o qual terão sido levadas para a Indonésia umas duas mil crianças, é justamente aquele em que decorre *Ha’u Maka Lucas*. E o facto de o primeiro romance em tétum tratar precisamente deste tema tão espinhoso, revelando literariamente a existência de uma geração de crianças roubadas com o intuito – segundo Ximenes – de se lhes obliterar a vontade política e de as transformar em pequenos indonésios, demonstra o seu enorme significado para toda uma geração timorense que precisa ainda de superar o infortúnio que a História lhe reservou.

A finalidade deste estudo não é nem empreender uma análise sociológica dessa geração roubada nem discutir os méritos relativos de considerar *Ha’u Maka Lucas* uma novela ou um romance curto. Trata-se, sim, de identificar elementos que permitam uma classificação genológica do livro e utilizá-los para iluminar a sua importância no livro. O principal objetivo é salientar os recursos de que o autor se serve para conseguir que o romance transcenda o plano individual (a história de Lucas), dando lugar a uma narrativa que contribui para a recuperação e fortalecimento da identidade cultural de toda uma geração.

Um breve resumo da trama de *Ha’u Maka Lucas* é ponto de partida indispensável para esta análise. Depois de três dias de matança fratricida numa localidade não identificada, seguidos de bombardeamentos aéreos e pessoas atiradas de aviões estrangeiros igualmente não identificados, um rapaz de sete ou oito anos chamado Lucas, a mãe e a irmã, Lou, fogem para as montanhas, juntamente com algumas outras famílias. A fuga acarreta enormes dificuldades, exaustão física em terreno inóspito e a necessidade incessante de construir abrigos e continuar a fugir, cada vez que um lugar de refúgio deixa de oferecer segurança. A fome constante obriga as famílias em fuga a organizar grupos que vão à procura de comida, nos quais sempre participa a irmã, Lou, por o rapaz ser demasiado novo. Numa dessas expedições, o grupo desaparece por muito tempo, causando enorme apreensão entre os restantes. Por fim, quatro dessas famílias resolvem voltar à aldeia de onde tinham debandado. Ali encontram agora no poder os ‘Bapa’ (indonésios), que outra vez os obrigam a construir abrigos. Quanto aos ‘hansip’ (tropas timorenses de baixa patente que colaboram com os indonésios), estes insultam e maltratam as famílias retornadas mais agressivamente até do que as próprias autoridades indonésias.

No capítulo seis, Lucas e vários outros rapazes desaparecem, raptados pelo inimigo (‘inimigu sira’, 36). A partir daqui, a história deixa de seguir as personagens que ficam para trás. O mesmo capítulo é interrompido por um poema, apresentado em itálico e intitulado ‘O meu sonho’ (‘Ha’u nia mehi’, 39). A viagem continua então, mas só para Lucas e os outros rapazes, levados para um enorme orfanato numa terra distante, onde ouvem falar uma língua que não entendem e onde são forçados a trabalhar. Sentem saudades da família, devem aprender a nova língua, alguns morrem de pneumonia e todos recebem nomes islâmicos. Finalmente, Lucas (agora Abdullah) e dois amigos conseguem escapar. Têm de lutar pela sobrevivência na grande cidade estranha. Passados muitos anos (vinte? vinte e sete?), Abdullah encontra uma mulher idosa que o leva a conhecer uns jovens que conversam numa língua que Abdullah/Lucas recorda vagamente. No capítulo doze, Lucas está a viver em Portugal como exilado político. O romance termina poucas páginas depois com o regresso de Lucas a Timor, onde por fim se reúne com a mãe e a irmã.

Para começar, é indispensável sublinhar que este livro é, segundo indicação expressa do autor, uma narrativa de ficção, que não pode, aliás, ser autobiográfica.³ *Ha'u Maka Lucas* começa *in medias res*, num dia de pânico entre as pessoas. Não há datação interna, mas é óbvio que a história se refere à invasão indonésia terrestre e aérea, numa altura em que o autor, nascido em 1976, não podia ter os sete ou oito anos de idade que tem Lucas. Poder-se-ia então considerar o livro um *récit de vie*? Não no sentido restrito do termo na antropologia cultural, em que a narrativa de vida é um relato oral e contado na primeira pessoa. Contudo, a narrativa de vida escrita tornou-se um género ubíquo nas literaturas emergentes (Godzich 1994) e o mais importante na sua definição como género é o facto de ser 'primeiramente [...] uma unidade social [...] intercambiada entre pessoas' (Linde 1993, 4). Como esclarece Charlotte Linde (1993, 219), as narrativas de vida não são apenas pessoais; têm um 'papel mais amplo [...] como encruzilhadas de significados pessoais e sociais.' É este o caso de *Ha'u Maka Lucas*. Apesar da forte reivindicação de uma identidade pessoal que o título na primeira pessoa parece implicar, as três primeiras palavras do romance denotam, pelo contrário, uma imediata preocupação com o coletivo: 'Ema barak mak...' (1) [muitas pessoas, muita gente]. Tal início não é nada característico da narrativa autobiográfica, nem sequer da autobiografia disfarçada, em termos ocidentais. Também não o é da narrativa de vida, cujo impulso é abertamente (embora não exclusivamente) individual.

Resta, portanto, o facto de que *Ha'u Maka Lucas* é um livro de ficção. Mas, por várias características que se destacam claramente, é mais propriamente o que se chama um 'romance de testemunho', no qual 'um "autor" no sentido convencional inventa uma história que parece um testemunho' (Beverley 2004, 43). A narrativa ultrapassa constantemente a história pessoal de Lucas, sublinhando que ele pertence, mais que nada, a uma comunidade: primeiro à família imediata (mas também à família timorense extensa, quando o canto dos galos no orfanato lhe traz a lembrança do tio) e depois ao grupo de famílias em fuga nas montanhas que tenta manter o melhor possível o modo de vida comunitário apesar do profundo transtorno à sua existência habitual. É muito revelador o facto de o leitor não saber como ocorreu o rapto de Lucas, confirmando-se assim a focalização no social e na família. O leitor só sabe do desespero que o desaparecimento do rapaz causa à família, juntamente com o sofrimento das outras famílias de rapazes raptados.

Os dois temas principais da primeira parte do livro – a fuga ou exílio e a viagem – dão lugar a outros depois da ruptura marcada no enredo pelo rapto dos rapazes: a interrupção das práticas culturais conhecidas, no orfanato, onde é preciso aprender e obedecer a regras diferentes; o isolamento num ambiente estranho, sem a família, sem a cultura e sem a língua dos rapazes; a tristeza da nova existência sem sentido, sendo todas estas dificuldades exacerbadas pela perda dos laços sociais de apoio entre Lucas e a sua comunidade.

Uma estratégia narrativa notável neste livro é a maneira como Teodósio Batista Ximenes utiliza arquétipos imemoriais e imagens bíblicas para dar ressonância universal e a impressão de intemporalidade ao seu texto. A narrativa de exílio e viagem que constitui a primeira parte do romance constrói-se com travessias de rios e montanhas, torrentes de águas traiçoeiras, o abrigo em cavernas, o motivo tradicional da busca de comida, uma queda no abismo, uma ferida difícil de curar, uma árvore protetora, provações inesperadas, encontros fortuitos, enfim, uma série de atribulações que põem à prova a capacidade de resistência dos fugitivos e através das quais as histórias pessoais convergem com a cultura universal e com o imaginário cristão. Tudo isto torna o texto mais acessível a um público provavelmente pouco habituado a ler literatura, mas bem familiarizado com numerosos elementos convencionais da Bíblia e da tradição oral.

Dois exemplos perfeitos deste procedimento no romance são, primeiro, o episódio da bifurcação na estrada ('dalan sanak rua', 28), que os timorenses certamente conhecerão do Livro de Ezequiel ou do Sermão da Montanha, e que é também uma história muito popular na tradição oral de todo o mundo (Garry 2005, 334). A bifurcação na estrada representa um dilema assustador para as famílias que tentam regressar à sua aldeia, porque ouviram dizer que há soldados inimigos a patrulhar uma das veredas, os quais pura e simplesmente matam todos aqueles que lhes caem às mãos. É aqui que, pela primeira vez, Lucas se vê

³ Tecnicamente, como não se trata de uma narrativa na primeira pessoa e como não se verifica coincidência entre o nome do autor e o do protagonista, o livro imediatamente rompe com os dois requisitos obrigatórios do 'pacto autobiográfico' (Lejeune 1975).

chamado a um papel de herói, e para mais num modo especialmente timorense, porque é na boca dele que Matebian e os espíritos protetores dos antepassados põem as palavras que revelam o caminho que o grupo deve escolher: ‘Iha momentu ida-ne’e Avó-Matebian no rai-na’in sira kala tuur duni iha labarik-oan Lucas nia ulun hodi dehan’ (Ximenes 2009, 28). Ao salvar o grupo da morte certa, Lucas realiza o seu primeiro ato heróico.

O segundo exemplo notável da utilização de arquétipos convencionais é o episódio da identificação no fim do romance. Depois de vinte (ou vinte e sete) anos de separação, a mãe de Lucas, já muito idosa, tem dificuldade em reconhecer o filho, mas levanta-lhe a camisa e descobre a cicatriz da ferida que o rapaz recebeu no estômago quando caiu nas águas tumultuosas. Trata-se de uma cena de reconhecimento absolutamente convencional que leva precisamente ao momento em que se explica o título do romance: ‘Loos duni Amá, ha’u maka Lucas’ (85) [É verdade, Mãe, eu sou o Lucas].

A meio do romance, a decisão de Lucas de escapar do orfanato marca outra viragem importante: o rapaz revela coragem e qualidades de chefia, planeando a fuga e tornando-se no cabeça dos três companheiros em fuga; quer dizer, mostra a agência moral que o coloca na esfera do herói – não um herói guerreiro, nem o herói da bifurcação na estrada inspirado pelos espíritos dos mortos da sua terra, mas sim um herói e chefe dentro do seu pequeno grupo de sequestrados. Vladimir Propp (1968, 36) distingue entre dois tipos de herói no conto popular: ‘os que vão em demanda’ [‘the seekers’], que vão em busca, por exemplo, de uma menina raptada, e ‘os heróis vitimados’ [‘victimized heroes’]. Neste sentido, o primeiro herói, heroína, deste romance é Lou, a irmã de Lucas, que vai em demanda da comida que tanta falta faz ao grupo de fugitivos. Quanto a Lucas, é duplo o seu estatuto de herói, e sempre especificamente timorense. É fácil ver o rapaz como um herói vitimado, uma criança apenas entre os milhares levados pelos indonésios como parte da sua estratégia para ‘indonesianizar’ o território ocupado. Porém, o seu papel heróico de demanda é menos evidente, pelo menos inicialmente. Ao princípio, ele não passa de um rapazinho que tem saudades da família e se sente completamente desamparado no orfanato. Mas a sua missão em breve se tornará evidente: Lucas/Abdullah vai em demanda da sua identidade perdida. Mais importante ainda é o facto de que, ao sublinhar repetidamente a pertença de Lucas à sua comunidade, que sempre se fortaleceu no respeito e obediência às práticas tradicionais e comunitárias, o autor consegue elevar o rapaz, pelas suas ações, ao plano do herói coletivo, representante de toda uma geração que precisa ainda de recuperar a sua identidade cultural. E apresentando a vida do rapaz como demanda, Ximenes confere um significado coletivo à sua história pessoal e transforma-o numa personagem de dimensão mítica.

Como assinala April Shemak (2011, 26-7, tradução minha):

os *testimonios* foram promovidos como um género capaz de despertar consciências e de dar a conhecer ao ‘Primeiro Mundo’ as injustiças políticas e sociais do ‘Terceiro Mundo’.

Trata-se de uma característica que todos os teóricos do género têm salientado – e é efetivamente mais uma razão para não considerar *Ha’u Maka Lucas* um testemunho (no sentido particularmente latino-americano do termo), mas sim um romance de testemunho. Teodósio Batista Ximenes optou por escrever este livro na língua nacional e co-oficial do seu país, a qual, embora falada por ‘cerca de 90% de todos os timorenses’, ainda se encontra ‘no processo de tornar-se numa língua verdadeiramente moderna e funcional’ (Ramos-Horta 2012). O tétum não é, de modo nenhum, uma língua falada ou entendida por um público leitor do Primeiro Mundo, que poderia mostrar-se disposto a prestar ajuda política ou humanitária do tipo que os *testimonios* muitas vezes conseguem obter, ‘quer seja solidariedade, reparações ou asilo’ (Shemak 2011, 255). Pelo contrário, um livro escrito em tétum dirige-se quase exclusivamente ao público timorense, dolorosamente conhecedor do sofrimento da ‘geração roubada’ que *Ha’u Maka Lucas* traz à luz. A resposta será, portanto, de um tipo muito diferente: talvez uma catarse pessoal de cada timorense afetado, ao ler um livro que trata literariamente do seu infortúnio comum; possivelmente também um profundo sentimento de gratidão por ver um escritor concentrar-se no trauma infligido a toda uma geração, que talvez tenha valor terapêutico e proporcione algum alívio; e, ainda, provavelmente, um enorme orgulho pelo êxito deste romance curto em estabelecer o tétum como língua literária para a prosa de ficção. Pela coragem da sua escolha quanto ao tema e quanto à língua, Teodósio Batista Ximenes contribui, com *Ha’u Maka Lucas*, de forma notável, para o fortalecimento da identidade cultural de uma geração separada da sua comunidade e

privada da sua língua. É a identidade essa entidade intangível que nos dá um sentimento de continuidade e da capacidade de resistir e superar a devastação histórica. Como narrativa desse trauma coletivo que abalou a sociedade timorense no mais profundo do seu ser social, este livro deveria desempenhar um papel assinalável na construção da esperança na possibilidade de recuperação, afirmando que pertencer é uma questão de História partilhada e que o sofrimento compartilhado une profundamente uma sociedade dilacerada pelos cruéis estragos que a História lhe infligiu.

Bibliografia

- Amaral, Albino n.d, *Istoria Timor - Language and Culture: Third annual writing competition*, posted by Timor Aid, <http://www.presidencia.tl/mag/mag3/pdf/pg149.pdf>, viewed 13 June 2013.
- Beverly, John 2004, *Testimonio: On the Politics of Truth*, U of Minnesota P, Minneapolis and London.
- CAVR 2006, *Chega!* <http://www.cavr-timorleste.org/cheqaFiles/finalReportEng/07.8-Rights-of-the-Child.pdf>, viewed 25 May 2013.
- Garry, Jane 2005, 'The Quest,' in Garry, Jane and Hasan El-Shamy (eds) *Archetypes and Motifs in Folklore and Literature: A Handbook*, M.E. Sharpe, Armonk, NY.
- Godzich, Wlad 1994, *The Culture of Literacy*, Harvard UP, Cambridge, Ma.
- Istoria Timor 2010, *Istoria Timor*, posted by Timor Aid, http://istoria-timor.blogspot.com.au/2010_09_01_archive.html, viewed 14 May 2013.
- Kiernan, Ben 2002, 'Cover-up and Denial of Genocide: Australia, the USA, East Timor, and the Aborigines,' *Critical Asian Studies*, 34: 2, 163-192. Published online 21 October 2010, <http://dx.doi.org/10.1080/14672710220146197>.
- Lejeune, Philippe 1975, *Le Pacte autobiographique*, Seuil, Paris.
- Linde, Charlotte 1993, *Life Stories: The Creation of Coherence*, Oxford University Press, New York.
- Propp, Vladimir 1968 [1928], *Morphology of the Folktale*, First Edition Translated by Laurence Scott with an Introduction by Svatava Pirkova-Jakobson, U of Texas P, Austin and London.
- Ramos-Horta, José 2012, 'Timor-Leste, Tetum, Portuguese, Bahasa Indonesia or English?' *The Jakarta Post*, 20 April, <http://www.thejakartapost.com/news/2012/04/20/timor-leste-tetum-portuguese-bahasa-indonesia-or-english.html>, viewed 23 June 2013.
- Shemak, April 2011, *Asylum Speakers: Caribbean Refugees and Testimonial Discourse*, Fordham UP, New York.
- Timor Aid 2012, Autor talentu manan-nain husi Istoria Timor 2012, Buletin Mensal Timor Aid Ootbru, http://www.timoraid.org/istoria_timor.html, viewed 11 June 2013.
- Van Klinken, Helene 2012, *Making Them Indonesians: Child Transfers out of East Timor*, Monash University Publishing, Clayton.
- Vickroy, Laurie 2002, *Trauma and Survival in Contemporary Fiction*, Charlottesville, U of Virginia P.
- Werlock, Abby H. P. (ed) 2010, *The Facts On File Companion to the American Short Story*, 2nd ed., Facts On File, New York.
- Ximenes, Teodósio Batista 2009, *Ha'u Maka Lucas*, Author's edition, [Dili].